

CAMPINEIRO OU CAMPINENSE?

Correio Popular 21-4-79

Maurício de Moraes

A definição gentílica de um povo deve, o quanto possível, evitar a classificação do adjetivo que designa profissão. Assim, não há convir que o adjetivo mineiro seja correto quando aponta cidadão nascido em Minas. Mineiro — dentro da logicidade do termo — deveria ser aquele que lida com o minério, minerador, enquanto o certo, a ver nosso, seria mineirense, seja o nado das Gerais. É contrvertida a definição e muitos são os que se espaldam na determinativa da tradição usada para tachar, de vez para sempre, o adjetivo adotado e designativo da origem de cidadania. Evidente que não se pode impor judicatura à assertiva e a rigor não procedem pro-
testos, por exemplo, decorrentes do emprego de campinense (natural de Campinas), apenas porque campineiro é gentílico ratificado e com sedimento em raízes históricas. Defende-se que campinense é o habitante de Campina Grande (natural da cidade paraibana), porém **se nos cingirmos à lógica da filologia, estamos**

em que o nato de Campina Grande deveria chamar-se campinagrândense, como nos exemplos mato-grossense, campo-grandense, porto-alegrense, rio-verdense, porto-felicense, ouro-finense, rio-grandense, adjetivação indicativa do composto linguístico. Não poucas vezes nos genufletimos diante dos arcanos da língua portuguesa, "Última flor do Lácio, inculta e bela" e sobre que se opina urbi et orbi, havendo, além da refrega Carneiro Ribeiro — mestre Rui, digladições e polémicas que passaram a integrar a passarela de nossa história idiomática. E se se alteram, vez por outra, as regras gramaticais, a miúdo estamos aí com dificuldades para explicar porque antes o certo era boémia e agora se admite aceitar boemia, conforme registra Aurélio Buarque de Holanda, em "Novo Dicionário Aurélio", edição 1978.

Regras, determinações, conceitos que, afinal, são **despachados sem mais aquela, como**

dizia Medeiros e Albuquerque. E se povo faz a língua, o direito de inovar é sagrado. Pois quem, em sã consciência, está com a razão? Não há quem defenda para o substantivo epíteto jacaré, a denominação feminina de jacarao? Burlesco ou não, já houve conhecido estudioso a proclamar como exata a forma em questão, para definir a fêmea do réptil crocodiliano. Ademais, que mal faz se chame campinense ao filho desta nobre Campinas ou que assim se designe uma de suas instituições, quando a própria essência idiomática — em qualquer fala universal — acolhe neologismos como aditivo precioso a seu maior enriquecimento?

E vale o conselho do Mário da "Macunaima", quando dizia que brigar por causa de língua, só se fosse pela de bol com pirão e molho de Porto". E para fim de papo, mais uma vez mestre Aurélio (Dicionário Aurélio): **"Campinense, adj. & s. Campineiro 2."**